



Cultura e intelectualidade na Belém nos meados do século XX: uma breve leitura a partir do Suplemento Literário d' O Estado do Pará

Alessandra Regina e Souza Mafra

Resumo

O presente texto tem como objetivo compreender parte da produção cultural e intelectual que constituiu o cenário da cidade de Belém do Pará, na primeira metade da década de 1950. Para tal empreitada, utilizaremos os Suplementos Literários do jornal *O Estado do Pará* que circulou por esta cidade na referida década, atuando como ponto de encontro de intelectuais da terra, poetas, jornalistas, escritores, dentre outros (permanentes, colaboradores ou correspondentes), sendo alguns deles ligados à Academia Paraense de Letras. Buscamos observar a dinâmica cultural de Belém a partir de um cenário que envolveu uma proposta de modernização e desenvolvimento para a Amazônia, dentro de suas particularidades.

Palavras-chave: Cultura; Intelectualidade belenense; Suplemento Literário

Abstract

This paper aims to examine the cultural and intellectual production in Belém (Pará, Brazil), in the first half of the 1950s, through an analysis of the *O Estado do Pará's* Literary Supplement. This Supplement was a meeting point of native intellectuals, poets, journalists and writers linked to the State of Pará Academy of Letters, in a context of modernization proposals and developments policies to the Amazon Region.

Keywords: Culture; Native Intellectuality; Literary Supplement.

Uma breve introdução

O contexto do pós-Segunda Guerra, no Brasil, foi marcado por uma breve abertura democrática, pelos debates de cunho político-ideológico, e pelas discussões concernentes ao anticomunismo e aos projetos político-desenvolvimentista. De acordo com Marieta Ferreira,

a década de 1950 pode ser considerada como um “momento-chave” de transformações no Brasil, haja vista a determinação das autoridades públicas em prover ao desenvolvimento econômico ao país. Ainda segundo Ferreira, essa expectativa pelo “novo” também se enveredou para o terreno das artes e da cultura, fazendo com que as tendências internacionais e a valorização da cultura nacional passassem a caminhar lado a lado (FERREIRA, 1996: 142-143).

Torna-se necessário atentar para o período inicial da década de 1950 no Brasil, que foi marcado, pelo retorno da figura de Getúlio Vargas ao poder, e com ele a proposta de continuidade para o desenvolvimento do país. Sua proposta de governo passaria por dois caminhos no que diz respeito à economia e as relações internacionais: o primeiro reforçava a aliança com os Estados Unidos, com o objetivo de adquirir empréstimos e colaboração técnica para o desenvolvimento das indústrias; o segundo tange a necessidade de estabelecer uma relação mais intensa com a Europa, buscando créditos, assistência técnica e trocas comerciais (LEOPOLDI, 2011: 165). Como fica evidente, a abertura para o capital estrangeiro ocasionou profundas transformações em outros quadros da sociedade brasileira.

As ideias de progresso e de sociedade moderna caminhavam juntas, e eram amplamente apoiadas pelo desenvolvimento econômico pelo qual passava o Brasil, e das consequentes “intervenções” de outras capitais estrangeiras. Não podemos deixar de destacar o protagonismo de São Paulo, nesse sentido, uma vez que foi a cidade mais diretamente afetada pela dinâmica econômica. Parte de uma burguesia industrial mais moderna da cidade foi responsável pelo desenvolvimento da cultura através de construções como o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM); o Museu de Arte de São Paulo (MASP); e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz (ARRUDA, 1997: 47).

De um modo geral, observamos, então, uma tendência transformadora no que diz respeito ao quadro cultural, político e econômico brasileiro, onde o debate intelectual apresentou-se através da reflexão acerca das contradições de uma sociedade de classes. Nesse bojo, pode-se apontar, como exemplos, a institucionalização (acadêmica e social) das Ciências Sociais e o surgimento de uma produção intelectual mais voltada à análise e interpretação da sociedade brasileira. Quanto a esse último aspecto, não podemos deixar de considerar a importância exercida pela chamada Escola Paulista de Sociologia, que tendo alguns de seus principais expoentes, intelectuais do porte de Florestan Fernandes, Roger Bastide, Fernando Henrique Cardoso e Emília Viotti da Costa, dentre outros, consubstanciou “... um estilo próprio de produção das ciências sociais no país” (ARRUDA, 2010: 15).

Dessa forma, os anos de 1950 implicaram em duas importantes mudanças na Imprensa do país. Não obstante a maior liberdade de atuação ensejada pelo fim do Estado Novo e pela Constituição de 1946 houve uma tendência transformadora na própria concepção do fazer-se Imprensa no Brasil. A antiga cultura de imprensa brasileira, assentada num jornalismo crítico e de opinião, começou a ser gradualmente substituída por um jornalismo aos moldes americanos, que embora não deixassem de publicar questões políticas, era essencialmente informativo e pautado na pretensa ideia de “neutralidade” (ABREU, 1996: 15-19). Foi também, nesse período (décadas de 40 e 50), que se vivenciou o apogeu da publicação dos suplementos literários nos periódicos do Brasil (COUTO, 1992), e que circularam no Pará, principalmente dois deles: o da Folha do Norte e o d’ Estado do Pará.

Os Suplementos Literários no Brasil

Sem desconsiderarmos a produção historiográfica dedicada aos suplementos literários, dois estudos em particular nos ajudaram a compreender a sua estrutura e o seu funcionamento, são eles: Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50, de Alzira Abreu (ABREU, 1996); e O Suplemento Literário do Diário de Notícias nos anos 50, de Luís André Faria Couto (COUTO, 1992). O primeiro, parte da ideia de identificar a atuação dos intelectuais brasileiros nos jornais diários de maior circulação durante a década de 1950, no Centro - Sul do Brasil. Já o segundo, um pouco mais restrito, investiga o campo intelectual carioca nesse mesmo período, sob a ótica do suplemento literário do jornal Diário de Notícias. Ambos foram importantes para ajudar-nos a compreender a estrutura dos suplementos, e para, além disso, suas particularidades.

Em primeiro lugar, deve-se considerar o caráter irregular com que eram publicados. Certos suplementos acompanhavam os jornais nos dias de domingo, outros apareciam quinzenalmente. Ademais, alguns tiveram publicação intermitente ao longo do tempo, desaparecendo momentaneamente e retornando a seguir. Quanto à sua forma, nesses suplementos constavam, além de poesias e de ensaios gerais, um espaço para a apresentação dos lançamentos editoriais, em forma de listagem ou ainda de comentários e críticas a livros nacionais ou estrangeiros. Acerca dos colaboradores, foi observado que eles pertenciam a diversos grupos e que dificilmente limitava-se a um único periódico, podendo contribuir para muitos suplementos de uma mesma cidade ou de várias regiões do Brasil (ABREU, 1996).

Os suplementos literários formaram redes de sociabilidade para os intelectuais que publicavam, ou simplesmente colaboravam com os mesmos na década de 1950, além do mais, os cafés, os salões, as revistas literárias e as editoras, foram espaços que permitiram a estruturação do campo da intelectualidade. Deve-se considerar que, nesses espaços circulavam grupos de amigos, que poderiam ser originários de uma mesma região ou cidade; e que se exerciam influências; e que surgiam antagonismos e rivalidades, mas principalmente, os mesmos espaços eram palcos frequentados por diferentes gerações de intelectuais (ABREU, 1996:23).

A questão do regionalismo nos chamou atenção neste contexto. Trata-se de um momento bastante dinâmico para a literatura regional em meio aos suplementos, onde a presença de textos sobre folclore tinha certa frequência. O exemplo do Suplemento Literário do Diário de Notícias é bem representativo nesse sentido, uma vez que existia um espaço considerável dentro do mesmo, dedicado aos estudos folclóricos. Figuras como Edison Carneiro, Adelino Brandão, e Manuel Diegues Jr, publicavam constantemente, sendo este último responsável pela coluna intitulada Folclore e História (COUTO, 1992:43).¹

Constatamos que, no Brasil do final da década de 1940 e o início da década de 1950, o aspecto cultural apresentou-se de forma bastante movimentada, tendo em vista o reflexo das transformações econômicas e políticas já mencionadas. Essa movimentação foi sentida na região Norte do Brasil. Nesses termos, ao debruçar-se sobre o Suplemento Arte e Literatura que circulava aos domingos no jornal Folha do Norte, no período de 1946 a 1951, Marinilce Coelho aponta que, a influência exercida por este suplemento ajudou a divulgar a literatura e a crítica local em diversos momentos, assim como, o mesmo veio a provocar um “corte” no isolamento cultural da capital paraense (COELHO, 2003: 135-137).

No Pará, entre as décadas de 1940 e 1950 temos notícias de alguns suplementos literários dos jornais, como: *A Folha do Norte*, *A Província do Pará*, e do *O Estado Pará*. O rompimento com o isolamento cultural então era fato, e nesse sentido podemos rememorar o surgimento da Revista Belém Nova, que apresentou os ares do movimento literário modernista no extremo norte do Brasil no ano de 1923. Assim, a questão a se pensar seria a problematização desses limites de “isolamento”, pois a década demarcada para a condução

¹ Quanto a esse aspecto, é importante rememorar a constituição da Comissão Nacional do Folclore, criada em 1947 por Renato Almeida. Incentivada por um discurso da “paz mundial entre os povos” característico do contexto pós-Segunda Guerra, o Folclore fora enquadrado nas aspirações da UNESCO, como um dos instrumentos de atuação e luta para alcançar-se a paz mundial, permitindo a construção de identidades diferenciadas entre os povos. O Brasil naquele momento orgulhava-se de ser um dos países pioneiros no atendimento à recomendação da UNESCO no sentido de ter criado uma comissão específica para tratar sobre o assunto (CAVALCANTI & VILHENA, 1990: 76).

deste estudo foi marcada por grandes transformações, e acompanhada pela ideia de desenvolvimento e de modernidade. Os escritos contidos no suplemento d'Estado refletiam a influência dos Estados Unidos e da Europa, mas, principalmente, a dos ideais modernistas, da cultura popular e do folclore regional.

O Suplemento Literário d' Estado do Pará e a Academia Paraense de Letras: uma relação intensa

Descobrimos que *O Estado do Pará* começou a circular em 1911, tendo sido sua publicação suspensa por inúmeras vezes, por motivos políticos. O periódico foi suspenso em definitivo, no ano de 1980.² Na cidade de Belém, ao longo dos anos de 1950, um grupo heterogêneo de intelectuais passou a contribuir com o Suplemento Literário do O Estado do Pará, em escritos que refletiam uma influência francesa e modernista, além da cultura popular e do folclore na Amazônia.

O Suplemento Literário de O Estado do Pará abrangia uma página inteira desse periódico, o que nem sempre era o suficiente. Não raro se encontra matérias do suplemento esparramadas por várias partes do jornal, mesmo que em seções aparentemente desconexas com seu conteúdo original e não necessariamente contíguas. Uma matéria sobre arte americana, por exemplo, podia ter sua primeira parte apresentada no suplemento e sua continuidade na seção de Economia, pois talvez fosse mais oportuno fracionar a matéria ao longo de uma mesma Edição a publicá-la na semana seguinte.

Encontramos comumente alguns nomes que se faziam presente dentro do suplemento d' O Estado, nos anos de 1950, assinando anteriormente no suplemento de outro importante jornal paraense, como Folha do Norte. Um exemplo dessa circulação é Mário Faustino⁵, que na década de 1940, e juntamente ao filósofo e crítico literário Benedito Nunes, direcionou o suplemento “Arte-Literatura” da Folha (MAUÉS, 2002). Além de outros intelectuais que deixavam seu estado de origem, mas continuavam a colaborar com os jornais locais, a exemplo de Eneida de Moraes e Vicente Salles.

As contribuições para o suplemento eram assinadas tanto por muitos intelectuais proeminentes, como por outros que estavam começando a adentrar no mundo das artes e da literatura. Figuras como de Brito Broca, Tristão de Athayde e Ledo Ivo, conhecidos por também atuarem nos jornais de grande circulação no eixo Rio-São Paulo, contribuíram, constantemente, ao Suplemento d' Estado. Mas principalmente, este suplemento estava

² Estas informações foram retiradas do Catálogo da Biblioteca Pública do Pará. Jornais Paraóaras: Catálogo - Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

ligado diretamente à Academia Paraense de Letras. Acadêmicos como De Campos Ribeiro, Bruno de Menezes, Avertano Rocha, e Georgenor Franco, publicavam suas produções e participavam sobre as atividades da Academia Paraense de Letras.

Assim, a edição do dia 03 de abril de 1951 vinha noticiando a eleição da nova diretoria da Academia Paraense de Letras, onde De Campos Ribeiro tornava-se o novo presidente do Silogeu. Nesta mesma reunião ordinária, o mesmo acadêmico sugeriu que fosse nomeada uma comissão de caráter permanente para ficar encarregada de confeccionar a revista da Academia. É necessário ressaltar que, a nota sobre a qual estamos falando não saiu no Suplemento Literário do referido jornal, mas em outra parte do jornal, ao lado de outras matérias de cunho político e econômico.

Cabe tornar a lembrar que estamos analisando a década de 1950, e nesse contexto, até o início do segundo trimestre deste período, não há notícias do Suplemento. Havia uma página chamada Pagina dos Estudantes, que tratava das aspirações e reivindicações dos estudantes secundaristas, e onde também eram publicados poemas, notas sobre a APL e seus acadêmicos. Dessa forma, sem uma sessão específica para os assuntos culturais⁸, encontramos alguma notícia sobre a Comissão Paraense de Folclore no contexto do jornal, informando da reunião na C.T.F com representantes da APL, Conservatório de Belas Artes do Pará, Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará, e o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, tratando sobre a representação do Pará no Congresso de Folclore, e sobre a exposição folclórica, ambos a serem realizados no Rio de Janeiro.

Afirmou Georgenor Franco que, desde 1946, a Academia Paraense de Letras encontrava-se em constante e produtiva atividade, e apresentava o “povo” como as maiores testemunhas desse momento, posto que, as notícias sobre a academia saíam diariamente em quase todos os jornais que circulavam na capital paraense. Estava à frente da presidência da Academia Paraense de Letras o acadêmico Acilino de Leão (1945-1949), e que segundo Georgenor Franco, por sua dedicação e critério das suas ações, foi o responsável por alavancar a academia nesse momento (FRANCO, 1963:31).

Em julho de 1948, De Campos Ribeiro, então secretário da Academia Paraense de Letras comunicou ao Silogeu que o Suplemento Literário do O Estado do Pará estava à disposição da academia, como seu órgão oficial, o que poderia ser considerado pelos acadêmicos como uma excelente notícia, principalmente, pelo fato de possuir mais um espaço dedicado às letras e as artes em uma capital no Norte do Brasil [cabe mencionar novamente que, a partir da segunda metade da década de 1940, estendendo-se nos anos de

1950 várias cidades vivenciaram essa proliferação dos suplementos literários, e Belém foi uma delas], mas ao que parece, o clima se tornou tenso por conta de certa falta de compromisso para com este suplemento. É o que veremos mais adiante, a partir do relato de Georzenor Franco.

Na reunião do dia 03 de outubro de 1948 com os acadêmicos da APL, foi lida uma carta de De Campos Ribeiro em plenária, tratando sobre a situação constrangedora perante o jornal O Estado do Pará, uma vez que o jornal não estava a receber qualquer tipo de nota sobre a APL, e muito menos as contribuições dos acadêmicos para o preenchimento das duas páginas que eram direcionadas à Academia. Na mesma carta, ainda informa que por conta da referida situação, tem tido que apelar para revistas de outras academias (FRANCO: 1963:32). Cabe ressaltar que nesse momento, De Campos Ribeiro era secretário da academia, e também do referido periódico.

No final da década de 1940, ao que parece, observamos uma crise momentânea ou um momento de tensão na academia, e isso foi refletido na reunião de outubro de 1948 entre os confrades, onde o ponto em questão convergia para o “pouco interesse” dos acadêmicos pelo suplemento. Franco menciona que, depois do ocorrido, vários membros resolveram se desligar do suplemento, inclusive, o presidente a época Acilino de Leão. No entanto, na década de 1950, este mesmo suplemento apresentar-se-á de forma mais dinâmica entre as páginas d’Estado. Não exatamente preenchendo as duas páginas colocadas à disposição do Silogeu, como apontou De Campos Ribeiro, mas em uma única página, que também trazia poemas, críticas, artigos de acadêmicos da APL, assim como, notícias desta instituição.

Os anos de 1950 e os meses iniciais de 1951 seriam marcados pela ausência do suplemento no periódico em questão, mas como foi mencionado anteriormente, era constante a presença de notas literárias em meio ao jornal, e na página dos estudantes. E assim foi anunciada a eleição que tornou De Campos Ribeiro presidente da APL em 1951 - e onde permaneceu até 1952 - ao lado de notas sobre economia e política. Nesse interim, ao que parece, foram dados os primeiros passos para alavancar a organização do suplemento literário d’ Estado, pois a produção literária paraense e de outros colaboradores tomaram forma na década de 1950, mas detidamente, no segundo trimestre de 1951.

Nesse contexto, não podemos deixar de rememorar a circulação do primeiro número da Revista da Academia Paraense de Letras, em meados de 1950. Em meio à proliferação dos suplementos literários no Brasil - e não fora diferente em Belém - esta revista surge como mais um canal de divulgação da produção da intelectualidade local, que estava sendo

aguardada ansiosamente pelo Silogeu.³ A revista em questão era dirigida por Paulo Eleutério Senior (Na época, presidente da APL), e contava com Ernesto Cruz, Georgenor Franco, Luiz Teixeira Gomes, e Paulo Eleutério Filho, como redatores.

Outras revistas faziam parte desse panorama da década de 1950 como: Gleba, sob a direção de Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa; Amazônia, tendo como diretor e secretário Georgenor Franco; Clareira, pertencente ao Órgão Oficial do Centro Juvenil de Cultura; e O Fragetan, fundado por Paulo Titan (MOURÃO, 2006:35). As revistas mencionadas devem ser mais que citadas, devem, também, ser investigadas para o desenvolvimento deste estudo, no intuito de observarmos a dinâmica cultural da capital paraense na década de 1950, para além do suplemento, porém, para esse momento, estamos concentrados somente em inquirir o suplemento literário d' Estado.

Sobre folclore e Arte no Suplemento d' Estado

A cultura (em especial, a música) erudita foi um tema presente no suplemento, e uma considerável parte das suas publicações tratava de temáticas relacionadas à cultura popular e ao folclore, buscando associar uma perspectiva mais regional às transformações e tendências culturais vivenciadas em outros países, a exemplo da França e dos Estados Unidos da América. Havia, nesse sentido, uma preocupação em demonstrar a circulação e os imbricamentos de uma produção local em torno da cultura e do folclore, principiada com as discussões dos grupos modernistas da década de 1920 (FIGUEIREDO, 2001).

O tema do folclore teve uma intensa mobilização e incentivo em torno do seu campo de discussão nos anos de 1950, uma vez que os folcloristas ansiavam em dar ao folclore um sentido mais científico ao tema. Conforme apontou André Couto, as Ciências Sociais, em suas várias modalidades, estavam constantemente presentes nas páginas do Suplemento Literário do Diário de Notícias nos anos de 1950. Esses artigos estavam relacionados à sociedade, particularmente, à sociedade brasileira. Dessa forma, o tema do folclore foi ganhando bastante espaço nas páginas deste suplemento, inclusive, o antropólogo e folclorista Manoel Diegues Júnior foi responsável por uma coluna chamada “Folclore e história” no Suplemento Literário Diário de Notícias.

Retornando ao jornal O Estado do Pará, retomamos o campo do folclore e verificamos que em abril de 1951 foi publicado um texto sobre o crítico e folclorista Silvio

³ Consultar o jornal *O Estado do Pará* do dia 15/04/1950, em que constam notícias sobre “As comemorações do cinquentenário da Academia Paraense de Letras”. Onde a Revista da APL foi mencionada como importante subsídio para a história literária no Pará. Ver, também: FRANCO, 1963: 37.

Romero na primeira página deste periódico. Tratava-se de uma breve biografia do mesmo, onde os escritos de Aloysio Soares partem, principalmente, de um texto de Romero chamado “Novas contribuições para o estudo do folclore brasileiro”, em que o mesmo atestou que, a forma mais rica da poesia popular, sem dúvida, seria o romance, os versos gerais, os reisados (Folia de Reis), atacando os falsos críticos a respeito das considerações sobre a modinha (gênero musical).

Ainda no percurso da presença das discussões sobre o folclore nas páginas do jornal *O Estado do Pará*, nos deparamos com um texto sobre o conto popular, onde o correspondente Joan Kein assinala sobre a importância dos mesmos na vida cotidiana, da valorização das tradições, e de como podemos encontrar os mesmos temas folclóricos em vários países com versões diferentes. O texto ainda nos revela sobre o material coletado pela França naquele momento (pós-guerra), onde seria lançado em breve, um catálogo em que constaria “a presença inesperada do conto francês”, causando, conseqüentemente, surpresa aos folcloristas, tornando o conto francês superior ao conto alemão, o que faz retomarmos o contexto do pós - guerra e observarmos uma breve inclinação em suas palavras, para colocar a Alemanha “em seu devido lugar”.⁴

Porém, o intuito neste contexto, era o de expandir a cultura para alcançar a paz entre as nações, partindo dos ideais estabelecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Nesses termos, o folclore e a sua difusão, sua defesa e valorização, tornava-se peça fundamental neste cenário. Por isso, é possível apontarmos a necessidade de Joan Kein (quem assina o artigo) em explorar o catálogo, o levantamento e exposição realizada pelo Sr. Paul Dolarue em Paris, sobre contos populares. A questão psicológica do pós-guerra aparece claramente no texto, dado que, os contos aparecem direcionados, especialmente, para as crianças, e que as mesmas não conhecendo as leis cotidianas que dirigem o mundo, acreditam na realidade dos contos, em que a fantasia “sempre atraiu homens e continua a maravilhar os seus filhos”, apesar da evolução da ciência.

No mesmo suplemento, permanecendo dentro desse contexto de reflexão e problematização do folclore, o referido suplemento publica partes de uma conferência feita por Raul Bopp, na Southern California University, intitulada “Coisas de Idioma e Folclore”.

⁴ Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal O Estado do Pará, Suplemento Literário, 10/05/1951. Nesse momento, na França o catálogo com “as riquezas” francesas estava sendo organizado Paul Dolarue que, estava se preparando para apresentar em Paris uma exposição dedicada aos contos populares. Dolarue é autor de *The Borzoi Book of French Folk Tales* (Folklore of the World).

Assim, o autor de Cobra Norato nos toma a refletir sobre o idioma africano que, propagou-se e incorporou-se no folclore brasileiro. Lembra-nos, essencialmente, dos encadeamentos profundos que estão na base da formação histórica do Brasil, em que as raças se encontraram sem maiores apresentações ou autobiografias, onde cada uma possuía uma história diferente, em que cada grupo criou seu cancioneiro, em virtude dos trabalhos que eram impostos a cada grupo.

Em novembro de 1954 o referido suplemento literário nos apresenta um texto de Renato Almeida, intitulado “Folclore, tesouro a preservar”. Neste texto, Almeida discorre com detalhes sobre a realização e a programação do I Congresso Brasileiro de Folclore realizado no Rio de Janeiro, em agosto de 1953, convocado pelo Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBEEC), e organizado pela Campanha Nacional do Folclore Brasileiro (CNFB).

Conforme Renato Almeida, o objetivo do congresso de folclore foi o de “fixar os elementos essenciais da pesquisa científica do folclore no Brasil”, e por lado, pretendia-se estudar e discutir os meios de proteção aos fenômenos folclóricos tradicionais. O evento foi apreciado por convidados oficiais, na figura de adidos culturais de missões diplomáticas no Brasil, onde tiveram a oportunidade de assistir a um festival folclórico que, apresentou folguedos, cantos e danças de inúmeras regiões do Brasil, inclusive da amazônica. Como podemos perceber, a discussão sobre folclore, era constante no suplemento literário deste jornal, mesmo antes de se estabelecer a figura do suplemento em suas páginas, no contexto dos anos de 1950.

Outro artigo bastante instigante apareceu em meio às discussões sobre folclore neste suplemento, dizendo respeito à literatura folclórica polonesa, com muitas informações e fartas referências bibliográficas. O texto nos explica que, somente no início do século XIX, a Polônia compreendeu a necessidade de preservação das suas canções, contos populares e lendas, ou seja, do seu folclore. Nesse período, inúmeras pessoas iniciaram um trabalho de pesquisa com o intuito de registrar a “atividade criadora do povo”, dentre tantos pesquisadores, destacou-se Oskar Kolberg (1814-1890), que compilou por volta de dez mil canções, contos, lendas, entre outros. Ocorre que, todo o trabalho técnico do material folclórico desse país iniciado em 1913 - trabalhos de classificação, assim como, coleções de manuscritos particulares - foram destruídos no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Conforme o texto citado acima, os esforços para a recuperação das riquezas do folclore Polonês no pós-guerra parecem ter sido intensas. E assim, foi criado o Arquivo

Fonográfico da cidade de Poznan, que logo se transformou no Instituto de Música Folclórica, subordinado ao Instituto de Artes do Estado, tendo sido este criado em 1950. No mesmo ano de 1950 foram organizadas equipes responsáveis em coletar músicas folclóricas em todo o país, o que tomou forma de campanha, além disso, um laboratório para transcrição de músicas instrumentais e canções folclóricas foi criado para a aplicação de métodos científicos, sob a observação de duas cientistas e musicistas.

Inúmeras publicações no pós-guerra foram oriundas dos esforços em recuperar a tradição e a história do folclore polonês, e conseqüentemente apresentou um crescente interesse da população pela literatura folclórica do país. Independentemente de ser chancelado ou não por instituições, livros como: “A posição do camponês na Polônia”; “Uma antologia de canções folclóricas polonesas”; ou mesmo um artigo intitulado “A vida e a luta do povo de Kielse refletida em suas canções”, somente vieram a ser publicados a partir dessa mobilização que retratamos a pouco, e da clareza sobre a importância em recuperar as transformações sociais e políticas de um país através da produção de seu próprio povo.

Logo, os textos e matérias apresentados acima, no que diz respeito ao folclore (tanto na forma geral, como mais específica) e publicados pelo suplemento literário do jornal O Estado do Pará, refletiram, ou mesmo, estavam carregados pelas tensões do pós-guerra no mundo, e isso chegou até a Amazônia. Essas matérias ressaltavam a importância da cultura, da educação, da ciência, e de como tudo isso poderia e deveria ser usado para proporcionar a paz entre as nações. De certa forma, muito do que foi publicado sobre folclore neste Suplemento Literário, apresentou-se em uma escala mundial, a aproximação entre os povos poderia ser abordada de forma mais superficial ou mais intensa, porém, igualmente carregada de significados para esse momento do pós-guerra. Compreender e esclarecer relações culturais, educacionais e científicas era necessário para a compreensão das nações e suas particularidades.

De um modo geral, embora o Suplemento Literário do O Estado do Pará apresente muitos textos publicados sobre as mais variadas ciências sociais, principalmente no que diz respeito à história, à antropologia e ao folclore, não observamos nenhuma coluna específica sobre folclore, o que observamos foram várias contribuições sobre esse tema, escritos por correspondentes, colaboradores, jornalistas, escritores em início de carreira ou mesmo já consagrados, que tinham um objetivo em comum para esse momento, o fortalecimento e a divulgação dos estudos folclóricos no Brasil.

Outra característica importante que nos trazem os suplementos literários seria o trato com o tema da arte. Dessa forma, observamos no corpo do SLEP a importância de tratar, ou mesmo de recuperar nomes consagrados da arte (pintores e escultores), assim como, a vida artística de determinado local. Buscaremos apresentar, dentro de uma escala mundial, e posteriormente nacional e regional, alguns nomes que foram destaque neste Suplemento Literário.

O artigo inédito intitulado “Claude Monet” tem essa pegada, tendo sido assinado por um possível correspondente chamado Jean Galloti, onde o mesmo pareceu escrever para atrair e promover a divulgação da exposição das setenta e cinco telas do célebre pintor francês, na Galeria Wildestein, em Paris, no ano de 1952. O espaço da escrita para divulgação de determinada exposição contribui para aproximar o leitor do referido Suplemento Literário aos nomes de grandes pintores destacados, de suas trajetórias pessoais e da carreira artística.

Dessa forma, apresentou-se uma breve biografia. Conta-nos o autor que, Monet nasceu em Paris, em 1840, mas passou a infância em uma região da França chama Le Havre, na ocasião ele expôs algumas caricaturas que chamaram a atenção do pintor Eugène Bodin, que o influenciou na arte das paisagens, conseqüentemente, contribuindo para a sua tendência pelo ar livre e pela natureza. Posteriormente, Monet muda-se para Paris para aperfeiçoar seus estudos e estabelece contato com um grupo de novos pintores, dentre os quais se destacam Renoir, Bazille, Sinsley e Pissaro. De como esse grupo decidiu organizar uma exposição privada, e da incompreensão do público e da crítica e o surgimento do termo que passou a distinguir esse grupo (impressionistas).

Ao passo das apresentações de alguns pintores célebres, a matéria seguinte diz respeito ao pintor Paul Cézanne, sobre a relação do mesmo com a sua cidade natal (Aix-en-Provence, sul da França). Destaca-se inicialmente sobre as lendas e exageros dos julgamentos que marcaram a produção de Cezanne, na cidade em que ele nasceu, viveu e morreu. Quando surge uma crítica ao Museu de Belas Artes em Aix por não ter adquirido as obras de Cezanne quando possuíam baixo valor monetário, vindo a possuir somente algumas aquarelas - levando em consideração toda a representatividade da produção deste pintor - o que deveria ser reparado urgentemente. O texto ainda nos informa que foi em virtude dos esforços de algumas personalidades do meio cultural que, a casa e o atelier de Cezanne

foram comprados a fim de salvaguardar os espaços da vida e da produção desse artista, tornando-se um “museu de recordação”.⁵

Dentro de uma escala nacional, podemos citar os nomes de Pedro Américo. A breve história de Pedro Américo foi contada por Monteiro Lobato, dizia o autor que no ano de 1852, a cidade de Areia, na Paraíba estava em alvoroço, pois chegava por lá um grupo de homens estrangeiros chefiados pelo francês Loius Brunet, em missão científica por aquelas bandas. Logo, em contato com as boas normas de hospitalidade, foram informados dos dotes de uma criança que possuía inclinação para as artes, Pedro Américo de Figueiredo. Com apenas nove anos foi contratado como desenhista da expedição.

Pedro Américo se tornou “o maior pintor brasileiro e o menos brasileiro dos nossos pintores”, conforme atesta Monteiro Lobato. Da sua saga inicial, depois da missão, para o colégio Pedro II, e posteriormente para a Academia de Belas Artes, mais tarde seguindo para França, onde cursou a Escola de Belas Artes de Paris, tendo vários pintores de renome como mestre, e das suas atividades na Europa. Lobato trata sobre o retorno de Pedro Américo ao Rio de Janeiro em 1864, sobre a composição do quadro e o rigor do desenho da tela mais significativa da nossa história O grito do Ipiranga, de 1888, dentre outros aspectos da produção deste pintor. De um modo geral, mesmo aquele leitor mais leigo, acaba por se informar por completo a respeito da produção artística dos pintores brasileiros através desses pequenos artigos publicados no Suplemento Literário.

Em um campo de atuação mais local, observamos um considerável espaço dentro deste Suplemento em fevereiro de 1953 tratando sobre a inauguração e o transcorrer do II Salão de Belas Artes do Pará. Tendo sido organizado pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Pará, em que “concorreram artistas regionais e de outros estados”, com inúmeros trabalhos no campo da pintura, escultura, arte aplicada, arte gráfica e desenho. Evento este que só foi possível graças aos “anseios desmedidos” da comissão organizadora do Salão e do interesse do Governador Dr. Alexandre Zacarias de Assunção pela disseminação da cultura artística.

Dentre muitos aspectos interessantes para este momento, podemos destacar a homenagem póstuma dispensada ao pintor Romeu Mariz Filho, pelos expositores do Salão e

⁵ Dentre outras informações do texto, o autor fala sobre duas exposições que iriam ocorrer no Museu Granet e outra que iria ocorrer em Nice com as telas de Cezanne, oriundas de diversos museus. “A recordação de Cezanne em Aix-en-Provence” –, de Bernard Champingneulle (Copyright do Serviço Francês de informação). Fundação Cultural do Pará (FCP). Biblioteca Pública Arthur Vianna (BPAV). Hemeroteca. Jornal O Estado do Pará, Suplemento Literário, 05/11/1953.

pela comissão organizadora do mesmo. Conforme o historiador e folclorista Vicente Salles, Mariz Filho foi produto de uma época em que a vida econômica, e consequentemente a artística de Belém se caracterizavam pela miséria e pelo desencanto, fatores causados pela decadência da produção da Borracha, esse artista fez parte do grupo de artistas e intelectuais que resolveram lutar contra esse estado de decadência, em defesa da arte e da literatura local, na verdade, em defesa de uma melhor definição no que diz respeito às discussões acerca do aspecto cultural na Amazônia, no caso Belém.

A questão de rememorar os tempos áureos da cidade de Belém foi uma das passagens marcantes do discurso do Dr. Cavalcanti Filho, Secretário de Educação e Cultura do Estado, que se referiu ao fato de estarem, naquele momento, retomando e revivendo “os seus dias de glória” com a realização de um evento daquele porte nos anos cinquenta do século XX. Destaca o Teatro da Paz como um dos maiores monumentos da arquitetura sul americana, que há 43 anos recebia a última companhia lírica “Dolores Rentini”, em 1910. Trata-se de um discurso saudosista em que o mesmo destaca os esforços dos artistas locais e o poder público para proporcionar os grandiosos eventos que em tempos atrás foram uma constante na sociedade belenense.

Pintores locais, de outros estados, e mesmo estrangeiros marcaram presença no SLEP, especialmente na coluna Sons, Tons e Outras Notas, assinada por Vicente Salles, foi o caso de Leônidas Monte - cearense, mas que há muitos anos já tinha instalado seu atelier na cidade de Belém - e do pintor Andreilino Cotta. Há também notícias sobre o pintor japonês Tadashi Kaminagai que, nesse período, estava em Belém patrocinado pelo crítico de arte Frederico Barata, para captar aspectos da paisagem da região amazônica, assim como, de uma possível exposição de seus quadros ao público paraense. Trata-se de um breve registro da passagem deste pintor pelas bandas do Norte do Brasil, que foi se repetindo ao longo das publicações da aludida coluna.⁶

Considerações finais

As particularidades apontadas a partir do Suplemento Literário d’Estado se mostram elucidativas para o início de uma compreensão dos circuitos de sociabilidade pelos quais os grupos de intelectuais que contribuíam com o suplemento em questão transitavam. Essas

⁶ Estas notícias podem ser consultadas no Suplemento Literário do O Estado do Pará do dia 16/04/1953. Para outros aspectos mais acurados sobre a temporada de Tadashi Kaminagai na cidade de Belém, Cf.: MEIRA, Maria Angélica. A arte do fazer: o artista Ruy Meira e as artes plásticas no Pará de 1940 a 1980. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea do Brasil) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2008, p. 95-7.

“estruturas de sociabilidade”, como bem entende Sirinelli (2003), embora não sejam fáceis de assimilar, são aspectos que o historiador da intelectualidade não pode deixar de analisar, uma vez que os grupos de intelectuais organizam-se em função de um objetivo comum, e de uma sensibilidade ideológica ou cultural compartilhada, como se acredita que seja o caso em questão. Logo, este suplemento, é apenas um, dos caminhos pertinentes para esta interpretação.

Este texto se configurou a partir de um estudo mais amplo sobre a vida cultural e dos aspectos da vida intelectual paraense, especialmente, sobre a cidade de Belém do Pará nos anos de 1950. Assim, torna-se oportuno destacar que, trata-se de um período de intensas transformações na sociedade brasileira, e da busca pela compreensão de como esses significados, foram percebidos pelos intelectuais da Amazônia para esse período, e de como tradição e a modernidade caminhavam juntas no Norte do País, a partir de suas particularidades, e de como se mostraram nas páginas do Suplemento d’ Estado. Desta forma, procuramos inserir a cidade de Belém dentro de uma análise de escalas, no que diz respeito a uma relação entre os chamados centros culturais principais e os centros culturais secundários.

Fontes: Jornal *O Estado do Pará* (1950-1955)

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. *A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. (Introducción General) Buenos Aires: Katz, 2008, vol.1.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A Sociologia de Florestan Fernandes. In: *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 22(1), jun./2010.

_____. *Metrópole e Cultura: o novo modernismo paulista em meados do século*. In: *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 9(2), out./1997.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. *Jornais Paraoaras: catálogo* – Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro & VILHENA, Luís Rodolfo da Paixão. *Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.3, n.5, 1990.

COELHO, Marinilse de Oliveira. *Memórias literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos, 1946-1952*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 2003.

COUTO, André Luis Faria. O Suplemento Literário do Diário de Notícias nos anos 50. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A Reforma do Jornal do Brasil. In: ABREU, Alzira Alves de (Orgs.) [et al.]. A Imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. pp.141-155

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. Tese de Doutorado (História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

FRANCO, Georgenor. Uma História para a história: pedaços da vida da Academia Paraense de Letras. [Belém]: Imprensa Universitária do Pará, 1963.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O difícil caminho do meio: Estado, burguesia e industrialização no segundo governo Vargas (1951-54). In: GOMES, Ângela de Castro (Orgs.) [et al.]. Vargas e a crise dos anos 50. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

MEIRA, Maria Angélica. A arte do fazer: o artista Ruy Meira e as artes plásticas no Pará de 1940 a 1980. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea do Brasil) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2003. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SOBRE A AUTORA

Possui graduação em História (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), especialização em Organização de Arquivos pelo Instituto de Estudos Brasileiros e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (IEB-ECA/USP), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora substituta do curso de História vinculada ao Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará (DFCS/CCSE/UEPA). É membro do grupo de pesquisa Amazônia: História, Culturas e Identidades (UEPA).

E-mail: armafra@terra.com.br

Recebido: 17/02/2019

Aprovado: 20/03/2019